

***TRABALHO, SAÚDE E GÊNERO NA ERA
DA GLOBALIZAÇÃO****

ROSELY GOMES COSTA**

O livro organizado por Oliveira e Scavone inova ao propor um tema que relaciona trabalho, saúde e gênero, uma vez que estes tópicos têm sido tratados de forma desmembrada como trabalho/gênero ou saúde/gênero, sendo que neste último caso a atenção está quase que totalmente focada na saúde reprodutiva.

Iniciando com três textos que apresentam uma abordagem teórica sobre a utilização da categoria gênero nas investigações sobre saúde e trabalho, o livro traz em seguida artigos que se referem a dados de pesquisas. Os artigos procuram mostrar como a assimétrica distribuição de poder entre os sexos, no mundo do trabalho e fora dele, acarreta precariedade e danos à saúde das mulheres.

As pesquisas enfocadas chamam atenção para os problemas de saúde que as mulheres apresentam por estarem submetidas à dupla jornada de trabalho e pelo fato da vida privada (trabalho doméstico) estar todo o tempo se entrecruzando com a vida pública (trabalho remunerado). Assim, o texto de Scavone, por exemplo, trata dos “danos causados às famílias pelas doenças profissionais relacionadas à exposição ao amianto” para mostrar o estresse a que estão submetidas as mulheres por serem responsáveis pelo cuidado dos doentes dentro da família. O artigo de Giannasi sobre as Lesões por Esforços Repetitivos (LER), enfatiza que as empresas demitem

* OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de & SCAVONE, Lucila. (orgs.) *Trabalho, saúde e gênero na era da globalização*. Goiânia, AB Editora, 1997.

** Doutoranda em Ciências Sociais, Unicamp.

as mulheres e “não notificam a Previdência Social, alegando ser o trabalho ‘doméstico’ o único causador desse mal.”

O livro, entretanto, apesar do mérito de sua proposta, apresenta limitações. Logo no primeiro texto, Oliveira se preocupa em historicizar e conceituar a categoria gênero. A autora se posiciona a favor do uso do conceito de relações de gênero, definindo-as como “uma construção cultural e social, e, como tal, representa um processo contínuo e descontínuo da produção dos lugares de poderes do homem e da mulher em cada cultura e sociedade”. Porém, o que se encontra nos artigos que se seguem é o uso de “gênero” como sinônimo de “mulher”, o que acarreta problemas.

Um deles diz respeito justamente a não colocar o gênero numa perspectiva relacional, o que dificulta analisar a complexidade das questões levantadas. Este tipo de abordagem apresenta o risco de deslizar para uma postura na qual as respostas já estão sugeridas pela maneira como as perguntas foram formuladas. No âmbito das Ciências Sociais, o debate referente ao gênero vem sendo feito nas perspectivas desconstrutivistas, que buscam dar ênfase à pluralidade de mulheres e homens, recortados pelas diferenças de classe, raça, etnia, religião, idade, orientação sexual, etc. A idéia é pensar o gênero de uma maneira não monolítica e não identitária, que surge de uma posicionalidade relacional. Ou seja, a maneira como mulheres e homens se colocam em uma dada relação informará temporariamente sua posição (de gênero, classe, raça, etc.) dentro daquela relação.

Os artigos têm um enfoque multidisciplinar, trazendo contribuições de pessoas vindas da medicina, enfermagem, engenharia civil, direito, psicologia, que não necessariamente representam o debate dentro das Ciências Sociais. Entretanto, o caráter identitário “mulher” subjacente aos textos dificulta concretizar a própria proposta do livro que, segundo as

organizadoras, seria a de relacionar a categoria **gênero** com trabalho e saúde, e não a “categoria mulher”.

O livro traz dados importantes sobre esse entrelaçamento tão originalmente proposto (gênero, saúde e trabalho) e aponta algumas boas saídas, como é o caso do artigo de Schirmer sobre trabalho e maternidade. Nele, a autora propõe que os profissionais de saúde informem os (as) trabalhadores (as) de seus direitos, principalmente no que se refere ao direito de licença-maternidade, à garantia do emprego desde a confirmação da gravidez até cinco meses depois do parto e durante o período de licença para tratamento de saúde.

Entretanto, uma visão identitária de gênero, sem uma análise das ambigüidades, diferenças, mudanças, processos e relações existentes pode apontar para uma essencialização e cristalização de mulheres e homens, dificultando o avanço das mudanças que os próprios autores reclamam ao longo do livro.